

O TIRO CIVIL

Órgão dos Atiradores Cívicos e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações

Anúncios, cada linha, tipo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 12 de dezembro de 1895

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros...	15000 "

RESUMO

A instrução nacional do tiro, por Fontoura Guedes. — Atiradores premiados. — Camara municipal de Lisboa. — A bala Lebel em Madagascar. — Agradecimento. — Carreira de tiro. — Alvo electrico. — Novo cartucho. — Perdiz albina, por Baptista de Sá. — Associação dos Atiradores Cívicos Portuguezes. — Os lobos: uma caçada. — Pistola de repetição. — Polvora sem fumo. — Nova metralhadora. — Armas antigas. — Programas de gymnastica, por Pedro José Ferreira. — Um «tavolazzo» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

A INSTRUÇÃO NACIONAL DO TIRO

(Continuado do n.º 40)

POSTO isto, vejamos o melhor meio de aproveitar este grande elemento de força nacional, appropriando-o ás condições especiaes do nosso paiz

Por tres formas podem constituir-se as sociedades de tiro: com membros exclusivamente militares, exclusivamente civis, ou com uns e outros, formando as sociedades denominadas — *mixtas*. —

As sociedades de tiro militares são essencialmente destinadas aos officiaes e individuos da ultima classe de reservas, para os quaes a instrução militar não é obrigatoria. Em França denominam-se — *territoriaes* — e são exclusivamente compostas dos officiaes e praças do exercito territorial e sua reserva. Os officiaes do exercito activo, e os officiaes e praças de reserva do exercito activo e disponibilidade, só podem pertencer ás sociedades *mixtas*; e, em verdade, não se justificaria a existencia de sociedades de tiro unicamente compostas d'estas classes, desde o momento, em que, para ellas, a instrução do tiro deve ser obrigatoria, e completamente a expensas do estado.

A formação de sociedades de tiro, puramente militares, com elementos do exercito activo e reservas, e de todas as classes e categorias, até ao soldado, que é o seu elemento principal, affigura-se-me ter graves inconvenientes, pela sua absoluta incompatibilidade com os deveres de subordinação e disciplina. Quem diz — *sociedade* — diz — *egualdade de direitos e deveres* — e não podem uns nem outros ser eguaes, onde os socios se encontram, por suas categorias e encargos inherentes tão profundamente distanciados, como é mister, entre os diferentes graus da hyerarchia militar.

Não tanto assim, com as — *sociedades territoriaes* — de França, compostas exclusivamente dos individuos pertencentes ao exercito territorial e sua reserva, que só pôde ser mobilisado em caso de guerra e, que, sendo essencialmente destinado á defesa do interior e ao serviço da guarnição, não entra em operações de campanha, e por isso tem uma organização mais livre, uma disciplina mais frouxa como não pôde deixar de ser entre

homens, para os quaes a instrução militar não é obrigatoria, e n'uma idade relativamente avançada, já impropria dos ardentes entusiasmos e sacrificios da mocidade. N'estas condições, as sociedades territoriaes, podem quasi considerar-se como sociedades civis, em que a disciplina nada tem que perder, porque muito embora os seus membros occupem os diferentes postos da hyerarchia militar não podem exercer a sua auctoridade; e ao contrario prestam um excellentes serviço á defesa nacional, conservando ininterruptamente a instrução militar d'aquelles, que já a adquiriram, e levando-a áquelles, a quem ainda não foi ministrada, e por este motivo gosam de vantagens especiaes, que ás sociedades civis não podem ser concedidas.

(Continúa.)

Fontoura Guedes.

Capitão de infantaria.

ATIRADORES PREMIADOS

SEGUNDO GRUPO

Alvo—Normal de 200 a 400^m, de 0^o,90 por 1^m,80

Todas as armas

1.º premiado



Luiz Fausto Guedes Dias

Nasceu em Lisboa a 19 de dezembro de 1854, sentou praça em 18 de outubro de 1875, tendo sido promovido a alferes para a arma de infantaria, de que tem o curso geral, em 29 de dezembro de 1877, a tenente em 31 de outubro de 1884 e a capitão em 8 de janeiro de 1891.

E' auctor da arma conhecida pelo seu nome e com que fez fogo no concurso de 10 de novembro findo.

No primeiro concurso de tiro em 6 e 7 de janeiro de 1894, foi classificado no 1.º grupo em 10.º lugar; no 3.º concurso em 19 de junho de 1895 foi clas-

sificado em 10.º lugar no 1.º grupo, em 5.º no 2.º grupo e em 1.º no 3.º grupo, (fogo de repetição empregando a série de 10 balas, sendo 6 baixas, com a arma K 8^{mm} m/1886, no alvo normal de 400^m a 200^m). Neste 3.º grupo obteve o 1.º premio, um relógio de ouro, *remontoir*, premio do ministerio da guerra, sendo-lhe conferida n'este concurso a medalha de ouro, 1.º premio da *Carreira* por ser o atirador que nos tres grupos acertou maior numero de balas, (26 em 30 tiros); no concurso de 10 de novembro foi classificado em 1.º lugar no 2.º grupo, sendo-lhe conferido o 1.º premio, um relógio de aço, offerecido pelo *Grupo Suisso*.

2.º premiado



José Mendes de Gouvêa

Nasceu em 15 de janeiro de 1859, em Carvalhal Redondo, concelho de Nellas. Está na *Fabrica de Fiação e Tecidos Lisbonense* desde 3 de junho de 1878, tendo exercido alli durante sete annos o cargo de professor da escola dos operarios da fabrica e estando hoje no escriptorio da companhia. E' socio da *Associação dos Atiradores Cívicos Portuguezes*.

No 2.º concurso de tiro civil em 23 de junho de 1894, primeiro em que se apresentou, foi o 31.º do 1.º grupo; no 1.º concurso da *Associação* em 25 de novembro de 1894, foi classificado em 14.º lugar; no concurso official de 19 de junho de 1895, foi o 69.º no 1.º grupo, o 105 no 2.º grupo, e o 11.º no 3.º grupo, (fogo de repetição com a arma K 8^{mm} m/1886), empregando 6 balas, sendo 4 baixas; no concurso de 10 de novembro foi classificado no 1.º grupo em 12.º lugar, e no 2.º grupo em 3.º lugar, pertencendo-lhe a medalha da prata da *Associação*, sendo-lhe dado tambem os diplomas de merito e de applicação na *Carreira*.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

O governo approvou que no orçamento da Camara Municipal de Lisboa para o anno de 1896, se incluísse a verba de 200.000 réis destinada á compra de medalhas, que serão conferidas aos atiradores premiados pela *Carreira de tiro* da guarnição de Lisboa, em Pedrouços e para melhoramentos e obras na referida *Carreira*. Deve-se aos srs. vereadores José Martinho da Silva Guimarães e Zophimo Consiglieri Pedroso o ter-se conseguido que a Camara Municipal de Lisboa fizesse alguma cousa em favor do tiro civil.

É exemplo que deve ser seguido e merece todo o nosso elogio e louvor.

A BALA LEBEL EM MADAGASCAR

Nos rapidos combates que o corpo expedicionario teve que sustentar contra os hovas na ultima campanha, a superioridade do armamento e do tiro coadjuvou os esforços dos soldados francezes.

Os effectos da bala *Lebel*, que tinham sido até agora objecto de numerosos estudos experimentaes, poderam ser observados em excellentes condições praticas nos cadaveres hovas.

Eis a caracteristica d'estes effectos, segundo um observador competente:

«Os ferimentos eram quasi invisíveis. As aberturas por onde tinham entrado as balas eram tão pequenas e estavam fechadas com tal adherencia que na maior parte era preciso procural-as; nem uma gota de sangue corria da abertura, nada senão um pequeno ponto redondo, cinzento escuro. A pelle do orificio fechava-se logo que a largavam.

«O mesmo phenomeno na abertura por onde as balas tinham saído nas costas dos mortos, nenhum sangue, o orificio da ferida fechado com forte adherencia, apenas visível por uma nodosa cinzenta escura esverdeada, derramamento sanguineo interior. Quanto ás fracturas de ossos, convenci-me que nos logares onde a bala *Lebel* encontra um osso, causa estragos analogos aos da melinite; atravessa todos os ossos que encontra na passagem, não em espiral como uma veruma que deixaria no osso um buraco bem nitido, mas produzindo effectos terríveis.»

AGRADECIMENTO

Osso estimado collega *O Expresso*, dirige nos no seu numero de 8 do corrente, palavras de louvor e incitamento a proposito da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, n'um bello artigo firmado pelo nosso amigo o sr. Ribeiro Gonçalves, sobre as vantagens das associações patrióticas e nacionaes, em que mais se cuida do bem da Patria e do bem geral, que do proprio; perfeitamente de accordo com a doutrina do nosso distincto amigo e dedicado patriota, agradecemos as palavras que nos dirige e fazemos votos para que o ouçam todos os que querem e podem concorrer para o engrandecimento da nossa Patria.

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 8 do corrente, dispararam-se 1.100 tiros com a arma de guerra.

Os alvos estavam collocados pela seguinte forma: n.º 1 e 2, *normal*, a 100m; n.º 3 e 4, *normal*, de 400m, entre fachas, a 300m; n.º 5 e 6, *normal*, a 400m; n.º 7 e 8, *figura de joelhos*, a 200m.

Alvo Gungunhana

Os alvos n.º 7 e 8 eram representados pela figura d'um preto, a que se deu o nome de *Alvo Gungunhana*, sendo muito applaudido por todos os atiradores.

El-rei esteve na *Carreira*, onde entrou depois das 3 horas da tarde, demorando-se pouco; atirou com uma magnifica espingarda de dois canos, que nós já descrevemos no nosso n.º 18, 4.ª pagina, 3.ª columna.

Fez magnificas séries de tiro ao alvo de 100m, adaptando-lhe o oculo de longavista; em seguida foi ao *Alvo Gungunhana*, onde com o oculo e sem elle, poz mais uma vez em evidencia as suas qualidades de atirador exímio e sem rival entre nós.

Teve as honras da tarde o sr. João Pedro Fernandes, do *Grupo Patria*, que, no alvo a 400m, empregou uma série completa de 10 tiros com 3 *mouches*.

O sr. João Torres, no alvo a 400m, uma série de 6 e outra de 8 balas empregadas em 10 tiros; no alvo a 300m uma de 9 balas em 10 tiros.

O sr. José Mendes de Gouveia, no alvo a 400m, uma série completa de 10 tiros acertados.

O sr. Manuel José de Magalhães, no alvo a 400m, 7 em 10; no *Alvo Gungunhana*, 6, acertados em 10 tiros.

O sr. J. Moraes Carvelha, no alvo a 400m, 11 acertados em 20 tiros; no alvo a 300m, 19 acertados em 20 tiros.

O sr. Eduardo David da Silva, no alvo a 400m, 7 acertados em 10 tiros.

O sr. João Consiglieri Pedroso, no alvo a 400m, 8 acertados em 10 tiros; no alvo a 300m, 6 acertados em 10 tiros, e no *Alvo Gungunhana* tres séries de 10 tiros; na primeira 7 acertados, na segunda 8, e terceira 9.

O sr. Theodizio Baganha, no alvo a 400m, empregou 8 balas em 10 tiros.

O sr. Agostinho Manuel de Sousa, no alvo a 400m, n'uma série empregou 8 balas em 10 tiros.

O sr. Bernardo Rebello dos Santos, no mesmo alvo 8 em 10 tiros.

O sr. Oscar Zuber, no alvo a 300m, n'uma série empregou 8 e n'outra 10 balas.

O sr. E. Kesselring, no alvo a 300m, 9 balas acertadas em 10 tiros.

O sr. Augusto Seixas, no *Alvo Gungunhana*, 6 balas acertadas em 10 tiros.

O sr. Gonçalo Heitor Ferreira, no alvo a 300m, uma série completa de 10 tiros, e no alvo a 400m, outra série completa de 10 tiros.

Os socios da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* dispararam 510 tiros.

A *Associação dos Atiradores Civis Estrella* estava representada na *Carreira* pelo 2.º e 3.º grupo; este ultimo, nomeou em *poule* seu chefe o sr. Manuel Nunes Ferreira, no alvo *normal* de 300m, empregou a série completa de 10 tiros fazendo um bello agrupamento.

Os tiros empregados foram 200 e os bem collocados, 140, distinguindo-se Thomaz Coelho do 1.º grupo, que em 40 tiros a 300 e 400m empregou 35 balas; Manuel Nunes Ferreira do 3.º grupo, em 20 tiros a 300m empregou 17 balas. Gil Dias, do 2.º uma série completa de 10 tiros no alvo de 300m. Entraram em fogo 15 associados.

O 1.º e 3.º grupo vae á *Carreira* nos 1.º e 3.º domingos de cada mez. O 2.º nos 2.º e 4.º domingos.

A associação subsidia os grupos com 150 tiros todos os mezes.

No ultimo domingo d'este mez, effectuar-se-ha uma *poule* entre os 3 grupos.

O domingo pertencia ao 2.º grupo, a que só faltou o sr. Gonçalves Reborvão, por estar incommodado.

ALVO ELECTRICO

O capitão austriaco Mauthner inventou um alvo electrico que registra automaticamente e marca as balas acertadas por meio d'uma campainha e signal immediatamente visível. O novo alvo tem a vantagem de supprimir os marcadores cuja negligencia ou falta de attenção tornam tão difficil a verificação execta dos resultados do tiro.

NOVO CARTUCHO

A CABAM de imaginar na Australia um emprego novo e engenhoso da *mica*. Trata-se d'um cartucho feito com esta substancia, que apresenta numerosas vantagens.

Em primeiro logar a transparencia da *mica* permite ver todas as impurezas da composição do explosivo, o que é importante para as polvoras sem fumo. Alem d'isto a resistencia da *mica* a calor bastante consideravel, mantem constantemente o cano da arma n'uma temperatura proxima da normal e evita igualmente sujar-se a culatra e a necessidade, por consequencia, de a limpar frequentemente.

PERDIZ ALBINA

É a primeira que vejo, viva, na gaiola, e a terceira ou quarta que me consta ter sido apanhada por caçadores meus conhecidos, cá dos meus lados. Esta appareceu em Armamar, n'uma caçada que alli foram fazer os srs. Antonio Henriques Simões e José Marques de Paiva, de Villa Nova de Gaya. Ficou ferida d'aza.

Tem-n'a o meu amigo e confrade Alves Pimenta, d'aqui, que foi por aquelles cavalheiros com ella presenteado. Parece que resistirá ao ferimento e que se vae conformando com a pena de reclusão a que foi pela sua triste sorte condemnada.

Seria completamente branca, como uma pomba, se não tivesse em cada uma das azas, na parte superior, umas penas de côr escura e outras eguaes a estas sob a cauda.

O bico, os olhos, as pernas, os dedos e as unhas são perfeitamente eguaes em tudo á nossa perdiz.

A perdiz branca não constitue uma especie, como se sabe; a perdiz branca, ou albina, é simplesmente um desvio da natureza que se deve aos defeitos do albinismo.

«Mas o que vem a ser essa coisa d'albinismo?» queria saber um caçador quando ouviu pela primeira vez esta palavra e viu, pela primeira vez tambem, uma perdiz albina, esta, agora.

«Albinismo», respondeu outro, que apprehendera pouco antes a resposta que logo deu ao interrogante — albinismo é, neste caso, uma aberração ou irregularidade do typo geral da formação do individuo: esta perdiz devia ter nas penas as mesmas côres variegadas que tem a perdiz rubra, mas, devido á falta do pigmento, as penas apparecem brancas; se a materia corante (chlorophylla) que as devia colorir não tivesse sido absorvida, as penas seriam da côr natural da perdiz rubra, que é a nossa perdiz, a perdiz que possuímos; como se deu a absorção d'essa materia, as penas deixam de ter a côr que deveriam ter e sahiram, pelo contrario, brancas.

Foi na raça preta que primeiro se observou o albinismo, sendo por isso que se lhes chama vulgarmente «pretos brancos.»

O interrogante mostrou-se satisfeito com a resposta e creio que ficou a perceber, ou bem ou mal, o que vem a ser uma perdiz albina.

Porto — Dezembro, 1895.

Baptista de Sá.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

ESTA patriótica associação continúa em maré de prosperidades, por isso que na consciencia dos nossos concidadãos vae entrando o convencimento, que só preparando-nos para sermos fortes, o poderemos ser; a consequencia d'isto está no numero de cavalleiros que se tem inscripto como socios, e dos quaes iremos publicando os nomes:

Sebastião Mestre dos Santos; Alvaro dos Santos Jordão d'Almeida; João de Mendonça, nosso collega do *Diario de Notícias*; José Maria da Silva; João Gaspar Coelho; Francisco Arthur da Silva Junior; Antonio da Silveira e Costa; Antonio Queriol; José Rodrigues Testa; João de Sousa Pires; Joaquim Alves de Salles; João Augusto Camacho; Augusto Silveira Antunes; Gabriel de Carvalho; Joaquim Carrilho Garcia, atirador da *Carreira* e premiado no concurso de 19 de junho ultimo com o premio de S. M. a Rainha. Leonardo Ribeiro; D. José Maria Carlos de Noronha; Daniel de Campos; João Gonçalves; Antonio Pereira dos Santos Beirão, banqueiro; João Baptista Borges, nosso collega do *Diario de Notícias*; Alfredo Antonio da Silva Barbosa; Manoel Martins Gomes Junior; Ezequiel Corrêa da Silva; Francisco Antonio Vellozo; Luiz d'Azevedo Corrêa Saraiva; José Jacintho das Neves; José Rodrigues Carvalho d'Oliveira; Luiz Antonio dos Santos.

OS LOBOS

(Concluido de n.º 39)

II

Uma caçada

NA primavera, epoca em que as lobas são mães, abandonam as florestas, vindo dar á luz nos bosques approxima-dos das habitações. Sabem que esta vizinhança lhes assegurará os recursos suficientes para crear os filhos.

Os pequenos animaes criam-se facilmente n'estes bosques isolados e assignalam a sua presença com algumas mortes, mas espera-se o outomno epoca em que attingiram desenvolvimento sufficiente para lhes fazer caçada, empregando cães.

O mestre, dirigindo-se para os canis, apreciará com exactidão o estado dos seus bellos cães de pello comprido e sedoso, de formas elegantes, olhar intelligente. Encontrará ali os seus antigos amigos, os velhos da matilha, cuja coragem e destreza lhe permitirá inscrever numerosas presas no livro dos caçadores.

Passa revista aos recrutas da campanha que vae abrir-se, aos cães novos, e examina-os com olhar exercitado. Não sabe elle, effectivamente, que as fadigas e o tempo fazem todos os annos numerosas victimas nas fileiras d'aquelles valentes auxiliares que só podem ser preenchidas com animaes novos?

Satisfeito com o resultado da sua visita dá instrucções ao seu pessoal e convida os amigos para a primeira caçada da estação. Eis chegado o momento!

Assistamos ás commoventes peripecias desse drama cynegetico que nos descreve o erudito caçador E. Lesable.

O chefe da caçada, a cavallo, assim como os seus convidados, dirige-se para um bosque de alguns hectares que nitidamente se destaca sobre a immensidade do steppe.

Quatro homens a cavallo pertencentes á equipagem e chamados no paiz *caçadores* levam cada um tres galgos. Um picador segurando alguns outros cães, segue-os a uma certa distancia.

Chegados ao bosque, os convidados collocam-se nos arredores e os caçadores juntam-se com os galgos nos quatro cantos penetrando sufficientemente no bosque para não serem apercebidos pelos lobos que vão sahir.

Quando cada um está no seu posto, o picador entra com os cães, bom vento, no bosque e apoia-os vigorosamente.

Os cães então, procurando pistas, não tardam a levantar os lobos e forçam-nos a sair, não se dando o caso dos cachorros, ainda muito fracos para escapar aos cães, serem mortos por elles no recinto arborizado.

Então começa a parte mais commovente da caçada aos lobos.

Os caçadores postados nos angulos do bosque, vendo sair os lobos não se apressam em dar a liberdade aos galgos que lhes estão confiados para que não façam voltar para traz os terríveis carnívoros.

Pelo contrario, deixam o lobo escolher o seu caminho. Então o caçador, perto do qual passa correndo a fera desalojada, solta os cães no momento em que o lobo, seguindo em linha recta, está a cincoenta ou cem metros dos cães.

Esta ultima distancia é a maxima, pois um lobo tendo mais de cem metros de deanteira sobre os galgos não poderia ser alcançado por elles na sua carreira vertiginosa.

Os admiráveis galgos, sentindo-se soltos e excitados pelo caçador, precipitam-se impetuosamente, alcançam o lobo e rolam com elle no chão, n'um mesmo esforço; é tal a violencia do choque que se tem visto cães abrir os peitos e morrer instantaneamente.

Esta horrivel luta dura apenas alguns segundos. Se acontece frequentemente os galgos estrangularem um lobo pequeno antes que haja tempo de chegar até elles, não succede o mesmo quando se trata d'uma loba ou lobo adulto. Voltando-se rapidamente para os assaltantes, em breve, graças ás suas formidáveis maxillas, se desembaraçam dos tres cães; não ha, pois, tempo que perder se quiserem apanhal-os vivos.

Apressando o andamento do cavallo, o caçador chega junto dos galgos, salta para o chão, monta-se no lobo, aperta-o entre as pernas nervosas e, tirando uma mordada da algibeira, mette-a na bocca do carnívoro que reduz assim á impotencia. Se, por circumstancias exceptionaes, o lobo não pode apanhar-se vivo, o homem desembainha a sua faca de matto e crava-a no animal.

Comtudo, na Russia, um caçador que deseja agradar ao patrão, obter uma recompensa, ou conservar a sua reputação, deve, graças á sua intrepidez e serenidade agarrar vivo, em todos os casos, o lobo mais feroz e mais forte.

PISTOLA DE REPETIÇÃO

O director da fabrica d'armas *Lowe*, em Berlim, acaba de inventar uma pistola de repetição podendo enviar balas de 6 $\frac{3}{4}$ de millimetro á distancia de trezentos metros.

Póde-se, dizem, accrescentar a esta pistola uma coronha e transformal-a sem recorrer a ferramenta alguma em carabina de cavallaria.

Experimenta-se actualmente esta nova arma em muitos regimentos do exercito allemão. Se as experiencias derem bom resultado, substituirá as carabinas e revolvers actuaes.

POLVORA SEM FUMO

UM cirurgião inglez, sir William M'Cornac fez á Associação Medica de Londres uma interessante communicação acerca dos ferimentos produzidos pelas balas de polvora sem fumo das espingardas de guerra modernas.

A ultima campanha do Chitral forneceu-lhe elementos para as suas verificações. Notou em primeiro lugar que, ao contrario das conclusões do corpo medico militar allemão, os ferimentos produzidos pelas espingardas de pequeno calibre eram os mesmos qualquer que fosse a distancia a que a bala fosse disparada, e, o que apresenta interesse mais pratico, que eram muito menos graves do que outr'ora. Assim na campanha do Chitral, os medicos ficaram admirados por vêr que os ferimentos occasionados pelas espingardas modernas eram nitidos, que as balas, penetrando nos ossos, produziam raras vezes *fracturas radiantes* e nunca fractura completa. Pelo contrario, os ferimentos provenientes das espingardas de grosso calibre de que se servia o inimigo, eram mais perigosas e curavam-se mais vagarosamente.

As conclusões de M'Cornac são pois, muito tranquillisadoras; nas guerras do futuro, haverá muito mais feridos do que d'antes, mas o numero dos que se curam completamente é incomparavelmente maior.

O emprego dos poucos antisepticos contribuirá, afinal, para grande parte d'este resultado.

NOVA METRALHADORA

MAXIM, o conhecido inventor das armas que tem o seu nome, acaba de ensaiar em Inglaterra, perante uma commissão militar, um novo typo de canhão-revolver portatil cujos resultados surpreenderam os proprios especialistas.

O canhão de que se trata, pesa proximamente 19 ou 20 kilogrammas apenas. Por meio de correias e fivellas póde facilmente ser transportado por um homem. Quando quer empregar-se, fixa-se sobre um tripé de aço, muito semelhante ao d'um appparelho photographico e com o auxilio do qual a pontaria se torna muito facil.

Uma das vantagens do appparelho é a rapidez com que se póde armar e desarmar completamente; nas experiencias estas operações fizeram-se em 58 segundos. Construido quasi pelo mesmo systema das metralhadoras *Hotchkis* geralmente empregadas pela marinha, os novos canhões portateis *Maxim*, lançam seiscentas balas por minuto á distancia de muitos kilometros.

Os relatorios apresentados ao ministro pelos officiaes da commissão parece que são muito favoraveis á invenção.

ARMAS ANTIGAS

N o conhecido e acreditado estabelecimento de espingardeiro do nosso estimavel assignante o sr. Lopes Reynol, na rua Augusta, n.º 101, estão em exposição dois bellos exemplares dos celebres e afamados arcabuzes que são realmente dignos da attenção dos amadores e colleccionadores.

PROGRAMMAS DE GYMNASTICA

(Continuado do n.º 39)

II — Gymnastica militar applicada

5.º — Na escada de corda vertical.

1.º — Subir por movimento simultaneo das extremidades oppostas.

2.º — Subir por contracções successivas dos membros superiores. — Mudar de face. — Adquirir balanço.

6.º — Na corda com descansos.

a) — De cavilhas.

Subir por contracções successivas e descansos nas coxas. — Idem, e descansos nos pés.

b) — De pedaes ou de nós.

Subir por contracções successivas dos membros superiores e descansos nos pés.

7.º — Nas varas obliquas.

1.º — Subir de bruços sobre uma das varas percorrendo uma das mãos a outra. — Subir entre as varas preso pelas mãos e pés.

2.º — Subir por uma vara auxiliado pelas pernas. — Subir a pulso.

8.º — Nas varas verticaes fixas.

1.º — Subir por uma vara auxiliado pelas pernas. — Subir entre as varas auxiliado pelas pernas. — Subir por uma vara auxiliado por uma perna. — Subir por esforço dos braços entre as varas.

2.º — Subir a pulso. — Passar de vara.

9.º — Nas varas verticaes oscillantes.

1.º — Subir auxiliado pelas pernas.

2.º — Subir a pulso.

10.º — No mastro de cavilha.

Subir por movimento simultaneo das extremidades oppostas. — Suspensões.

11.º — No mastro.

Subir auxiliado pelas pernas. — Subir auxiliado pelos triangulos.

12.º — Vara de croque.

Subir applicando os pés ao muro.

13.º — Nas cordas obliquas.

1.º — Subir entre as cordas applicando os pés e as mãos. — Subir applicando a mão e a curva poplitea direitas a uma corda e a mão e curva esquerdas á outra. — Subir por uma corda, applicando as mãos e as curvas popliteas. — Subir auxiliado pelas pernas.

2.º — Subir a pulso. — Mudar de corda.

14.º — Nas cordas verticaes.

1.º — Subir applicando as pernas com descansos na coxa ou no pé. — Subir auxiliado pelos pés.

2.º — Subir a pulso. — Carreira circular. — Salto da valla.

15.º — Na corda de incendios.

Saltos perpendiculares. — Saltos lateraes. — Subir auxiliado pelas pontas dos pés.

16.º — Na trave horizontal.

1.º — Suspensão. — Percorrer a trave, auxiliado pelas curvas popliteas. — Ladear.

2.º — Apoiado. — Passar a cavallo. — Percorrer a trape sobre as mãos. — Equilibrios elementares sobre a trave. — Percorrer a trave em pé. — Passar por obstaculos.

3.º — Passar da suspensão ao apoio pela subida com a perna. — Pela subida d'ante-braços. — Pela subida alternada.

17.º — Na trave inclinada.

Repetição dos exercicios praticados na trave horizontal.

18.º — Na prancha inclinada.

1.º — Subir a prancha prendendo-se ás faces lateraes. — Subir prendendo-se com o prego aos furos.

2.º — Subir depois da carreira e saltar. — Subir e fixar-se na prancha á maxima altura.

19.º — Na prancha de subidas.

1.º — Dominar a prancha pela subida com a perna. — Pela subida de frente. — Pela subida de ante-braços. — Pela subida alternada.

2.º — Pela subida simultanea. — Pela subida de costas.

20.º — Na escalada.

a) — De degansinhos.

1.º — Trepar applicando as mãos e os pés.

2.º — Trepar applicando as mãos.

b) — Natural.

Trepar prendendo-se pelas mãos e pés. — Subir entre duas paredes.

(Continúa.)

Pedro José Ferreira.

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 40)

DEPOIS d'uma hora de marcha proximamente, durante a qual não deixámos um instante de subir, attingimos um ponto das alturas que se levantavam diante de nós, onde havia um nevoeiro de tal opacidade que tivemos de nos conservar a tres passos uns dos outros para nos não perdermos de vista. A mudança de temperatura tinha sido tão brusca e tão completa como a da luz, e sentia gelár-se-me sobre o corpo e sobre a cara a transpiração benéfica que a nossa marcha ascensional e ininterrupta tinha provocado. Se tivesse outro guia, que não fosse Titano, não deixaria de lhe perguntar o que poderiam caçadores fazer no meio d'este expesso nevoeiro; mas a minha confiança no velho caçador era tal, que me não accudiu ao espirito a menor inquietação sobre o resultado da nossa empresa. Uma cousa comtudo me admirava; Torquato desde que tínhamos entrado nas trevas visiveis que nos cercavam por todos os lados, tinha deixado de procurar, e tinha vindo collocar-se aos calcanhares de seu dono, como um animal intelligente, que se não fatiga inutilmente. Solimão alguns minutos depois tinha-lhe seguido o exemplo; quanto ao cão do marquez, julgando sem duvida que tinha acabado a caçada, desertava sem cerimonia.

O solo sobre que marchavamos era uma especie de torrão negro semeado aqui e além de moutas de musgo d'um verde sombrio e de miseravel aspecto. Bem depressa algumas linhas brancas vieram cortar de distancia em distancia esta triste superficie; comprehendi então que não tardaria que chégassemos á região das Neves de que Titano me fallára.

Effectivamente o nevoeiro dissipou-se um pouco, e vi então o disco avermelhado do sol que parecia nadar em ondas de vapores meio luminosos. Ao mesmo tempo os pés enterravam-se n'uma neve d'alguns centimetros d'espessura, e mole como algodão cardado de fresco.

Pouco a pouco este tapete deslumbrante adquiriu ainda maior brilho e solidez, e afinal sahimos da escuridão tão bruscamente como n'ella entráramos.

Offereceu-se-me então á vista um magnifico espectáculo, que me fez soltar um grito d'admiração e surpresa. Tínhamos attingido o ponto culminante das alturas que acabavamos de subir, e achavamos-nos sobre o bordo das vertentes oppostas.

Em torno de nós era tudo gello e neve tão longe quanto os nossos olhos deslumbrados podiam estender a vista. Por cima de nós resplandecia o céu d'um azul sombrio cujo esplendor não tinha igual. Ter-se-hia procurado n'elle inutilmente uma nuvem do tamanho d'uma borboleta. Nenhuma descripção póderia dar ideia exacta da belleza brilhante do sol, movendo-se n'este espaço d'uma tinta tão rica e nova para mim. Os raios que dardejava obliquamente, porque começava a descer no horizonte, coloriam de tintas maravilhosas todos os objectos que attingiam. Debaixo da sua claridade magica, a neve scintillava como a opala, os nevoeiros brilhavam como a saphira e a esmeralda.

Os pinheiros, os azevinhos e zimbriros que cresciam de distancia a distancia ainda estavam cobertos d'uma geada,

que se poderia tomar por bordadura de perolas de diamantes.

Sobre estas magnificencias reinava um silencio imponente, e juntava a sua magestade o seu brilho. Nunca vira nem sonhára coisa semelhante.

Titano a quem estas riquezas eram familiares não se espantou da minha admiração, mas parece-me que o encantára.

Pela satisfação que exprimia a sua phisionomia d'um grotesco tão intelligente, dir-se-hia um castellão que fazia as honras do seu parque a qualquer estrangeiro, e fiquei tão compeetrado d'esta apparencia, que me julguei obrigado a dirigir-lhe um pequeno cumprimento.

— Pois bem! excellentissimo, o que me diz lisongeia-me. Estou aqui como em minha casa porque, sou o unico que aqui venho. Façamos ainda uma cariciasinha a esta garrafa, e tornemos a entrar em campanha. Torquato vae de ventas no ar, não tarda que vejamos voar qualquer cousa.

Pozemos-nos em linha a trinta ou quarenta passos uns dos outros, occupando Titano o centro, e começámos a caçar em frente, como faríamos n'um campo d'aveia ou de luzerna.

A neve que pizavamos estava virgem de qualquer pégada humana mas tinha numerosos rastros de passaros entre os quaes não me foi difficil reconhecer alguns de perdizes.

Titano que os tinha notado ao mesmo tempo que eu, fez-me signal d'intelligencia, e quasi no mesmo instante ficou marcado Solimão, o que não deixou de me lisongear infinitamente, tanto mais que Torquato veio immediatamente collocar-se a seu lado.

Como era na minha frente que a scena se passava, os companheiros acercaram-se, e rodeamos os dois cães que tinham a cabeça inclinada de lado, por fórma a fazer-nos suppor que tinham a caça debaixo do nariz.

Titano fez como os cães e seus olhos penetrantes tomaram a direcção dos d'elles.

— Vejo-as, excellentissimo! disse-me elle com ardor depois d'um exame que durou alguns segundos. Estão mesmo debaixo das ventas do seu cão, se elle quizesse apanhava uma.

— Vamos! Vamos! vejo que é mestre.

— Eu não vejo nada, disse a Titano depois de ter olhado tambem por meu turno.

— Adiante se um pouco... ainda mais... ahi, muito bem, pare agora. Eis ahi uma cujas azas acabam d'estremecer, não tarda que se não levantem... duas, quatro, cinco, seis, oito... são nove ou dez. Vê-as?

— Não; e tu? perguntei ao marquez.

— Distingo um monticulo como se o vento tivesse juntado um pouco a neve n'esse sitio.

Deve ser isso, respondeu-me o marquez.

— Precisamente, excellentissimo. Prepara-se para atirar.

Ouvi como que bulha d'azas, e uma especie de canto triste, depois vi entre os dois cães, que tinham levantado a cabeça bruscamente, uma pequena mancha negra, que reconheci evidentemente pelo sitio onde as perdizes se tinham agachado, e onde tinham feito derreter a neve

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—Rua Ivens, 35 a